



Violência. Ônibus queimado no Vale durante os ataques de 2006



Tráfico de drogas. Comércio de entorpecentes -- no atacado e no varejo -- é controlado pelo PCC no Vale

Xeque-mate. Com a sua própria lei, o PCC (Primeiro Comando da Capital) movimentou os seus peões no espaço deixado vago pelo Estado, avançando por casas e casas perigosamente na direção ao rei e à legislação vigente. O tribunal do crime, como o exemplificado na reportagem de capa, com um crime ocorrido em 2017, é montado diariamente na **RMVale**, o berço da facção e a região mais violenta de São Paulo.

No jargão da organização criminosa, trata-se do 'tabuleiro' – nome para os tribunais, onde a definição sobre quem viverá ou morrerá é feita como o lançar de dados. “Eles [PCC] montam o tabuleiro todos os dias. Mas matar alguém é raro, hoje bater é o mais comum”, diz um agente especializado no combate à facção criminosa no Vale.

“Quando o cara [o ‘réu’] é sequestrado, nem dão o direito dele falar. Ele fica amarrado, com alguém tomando conta. Aí vem a ordem para matar e eles dão o ‘ok’ para o sequestrador. Depois a gente acha o corpo. O PCC não cobra só se fizer algo para alguém da facção. Se fizer qualquer coisa na quebrada deles, eles cobram”, diz uma fonte policial ouvida por **OVALE**.

O júri é composto por irmãos presos e que estão nas ruas. Os ‘crimes’ mais graves são estupro e roubo dentro do PCC, em geral ligado aos dividendos

CRIME PENA DE MORTE É DECRETADA EM CASOS COM MAIOR GRAVIDADE

TABULEIRO DA FACÇÃO DEFINE VIDA E MORTE

Diariamente, PCC monta tribunal do crime na região e decide casos relacionados aos membros da organização e das quebradas



Rogério Marques/OVALE

Quebrada. Áreas em que o PCC atua são regidas pelas regras da organização

obtidos com a venda de drogas. O tribunal – ou tabuleiro, porém, é usado para decidir imbróglis nas ‘quebradas’, incluindo até os problemas dos moradores.

Em geral, o tribunal tem acusador, defensor e júri, sendo transmitido por meio de celular.

DECRETADO.

Aplicada nos tabuleiros, a pena de morte é chamada de ‘decreto’. No entanto, ela seria rara.

“Até para matar ‘jack’ [a gíria para estuprador] está difícil. É preciso pedir autorização”, afirmou um homem ligado ao tráfico de drogas em São José, autor de ao menos três homicídios.

“Aqui, levaram um cara para lá [tabuleiro], acusaram ele de ser dedu-duro da polícia. Foi levado, mas não conseguiram provar. E o PCC não deixou matar. Daí, o rapaz [traficante que pediu o julgamento] ficou chateado, porque não pôde ‘fazer’ [matar]”, disse outro homem ligado ao tráfico.

BANDEIRA BRANCA.

Nas chamadas ‘quebradas’, o tráfico atribuído ao PCC a redução drástica na quantidade de homicídios – a posição é atestada por parte dos especialistas em setor, e questionada por outra parcela, assim como pelo Estado.

Em áreas como a região sul de São José, a ordem é conhecida como ‘Bandeira Branca’.

As fontes policiais, agentes, ex-presos e pessoas ligadas ao crime foram ouvidas na condição de serem mantidas em sigilo. ■

HISTÓRIA

Organização foi criada no ‘Piranhão’, em Taubaté; hoje disputa crime em 21 estados

BERÇO. Mais temida facção criminosa do Brasil, o PCC teve como ‘berço’ o chamado ‘Piranhão’, pavilhão anexo da Casa de Custódia de Taubaté, à época a unidade que abrigava os presos mais perigosos de São Paulo. Após uma partida de futebol, em 31 de agosto de 1993, no ano seguinte ao massacre do Carandiru, presos decidiram criar uma espécie de sindicato do crime. O primei-

ro estatuto do PCC, escrito nas celas da unidade, se referia à Casa de Custódia como ‘campo de concentração’ e ‘fábrica de monstros’. Hoje, a organização já controla o tráfico em oito estados e está na disputa em outros 13, além do Distrito Federal, tendo 30 mil integrantes -- diz o livro ‘Guerra - A ascensão do PCC e o mundo do crime No Brasil’, dos pesquisadores Bruno Paes Manso e Camila Nunes Dias. ■

25

ANOS

tem o Primeiro Comando da Capital, facção criminosa criada em 31 de agosto de 1993 no Vale do Paraíba

30

MIL

integrantes teria a organização criminosa, de acordo com pesquisadores Bruno Paes e Camila Nunes

MERCADO

Comando controla o tráfico de drogas no atacado e no varejo; ‘rota’ inclui PR e MS

CARRO-CHEFE. ‘A droga aqui sempre passa na mão do PCC’, diz um dos agentes envolvidos na linha de frente contra o crime. Produzida em países vizinhos, com uma escala industrial, ela entra no Brasil por fronteiras desprotegidas -- pelo Paraná e Mato Grosso do Sul -- e via terrestre chega até a capital paulista, para ser distribuída para diversas regiões, inclusive a **RMVale**.

A entrada ocorre em cidades paranaenses como Maringá e Cascavel, e sul-mato-grossense também, como Ponta Porã, nas proximidades da paraguaia Salto Del Guairá. O PCC atua no atacado e no varejo. O transporte das drogas é feito com caminhões. Na zona leste paulistana, o entorpecente é distribuído para o Vale -- onde o PCC é o maior responsável pela venda de droga, seu carro-chefe. ■